

A RELAÇÃO ESCOLA, EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA: POLÊMICAS CONTEMPORÂNEAS

Alexsandra Maria Sousa Silva¹

Rafaella Almeida Aragão²

Cellyneude de Souza Fernandes³

Resumo

Este trabalho abordará discussões sobre as práticas didáticas e metodológicas na escola, tendo em vistas as mudanças ocorridas na sociedade e na educação, após as mudanças provocados pela pandemia do COVID-19. O objetivo deste trabalho é refletir sobre a atuação do psicólogo escolar sob a perspectiva da Teoria Histórico-Cultural, em tempos de educação tecnológica. A metodologia foi uma revisão narrativa de literatura e os dados foram analisados a partir da análise de conteúdo, sistematizados em três categorias: educação, escola, e tecnologia. Os resultados trazem reflexões sobre o papel da educação e da escola, onde consideramos que a escola é uma instituição fundamental para a construção de uma sociedade mais justa, portanto deve, favorecer uma formação cognitiva, intelectual, moral e ética dos sujeitos. É uma fato importante pontuar que o papel da escola está voltado para organizar e sistematizar conhecimento científico e conceitual. Neste sentido, é preciso pensar a educação, pois deve incluir a história de vida do aluno, suas experiências, relação com a família e comunidade e o contexto histórico-cultural em que vivemos. Assim, não devemos confundir educação e escola, de modo a reduzir uma a outra.

Palavras-chave: Escola, Educação, Tecnologias.

INTRODUÇÃO

Este artigo abordará discussões sobre a Teoria Histórico-Cultural (THC), seus principais conceitos e a aplicabilidade na prática do psicólogo na escola. A Teoria Histórico-Cultural é um dos aportes teóricos considerados mais importantes que respaldam a educação escolar no Brasil e vem ocupando, de maneira crescente, as propostas pedagógicas que norteiam as práticas de ensino-aprendizagem de educadores na realidade contemporânea (Barbosa; Facci, 2018).

A educação escolar tem o papel de promover o desenvolvimento dos sujeitos em direção a apropriação de condutas culturais, “dado que aponta o seu papel, sobretudo, na qualidade da

¹ Doutora em Psicologia pela UFC. Docente da Faculdade Luciano Feijão (FLF) e da Universidade Vale do Acaraú (UVA) – CE, alexsandramss88@gmail.com

² Psicóloga do Núcleo de Atendimento Psicopedagógico aos estudantes de Medicina (NAPEM), Faculdades INTA - CE, rafi_nha_aragao@hotmail.com

³ Doutora em Zootecnia. Docente da Faculdade Luciano Feijão (FLF) – CE, cellyneudefernandes@gmail.com

imagem subjetiva da realidade a ser construída” (Martins, p. 16, 2011), fato que corrobora com sua missão de humanização, muito embora nem toda escola, consiga, de fato operacionalizar esse objetivo. Para Rey e Goulart (2019, p. 17) a educação pode ser entendida “como espaço social de estabelecimento de relações, de organização de processos comunicativos e de desenvolvimento para o outro”.

O problema desta pesquisa se destina a questionar os principais conceitos da THC reconhecidos pelos psicólogos, que podem servir a prática psi na escola, considerando a realidade educacional contemporânea. Desta maneira, é válido problematizar: como pode se dá a atuação do psicólogo escolar, com base na PHC?

Dentre as hipóteses elencamos alguns conceitos que, historicamente, se fazem presente na prática educacional, como a Zona de Desenvolvimento Proximal - ZDP e a dimensão relacional dos sujeitos.

O objetivo geral deste é refletir sobre a atuação do psicólogo escolar sob a perspectiva da Teoria Histórico-Cultural, em tempos de educação tecnológica. Os objetivos específicos são: apresentar um breve panorama da teoria; descrever as práticas psi na escola; articular a teoria com as práticas apresentadas.

A relevância deste trabalho se pauta na ideia de que nos constituímos partir da apropriação da cultura que se dá de forma mediada. Ao passo que somos sujeitos, somos também mediadores. Com Barbosa e Facci (2018) o professor é um mediador que põe em movimento essa relação dialética entre a dimensão Interpsicológica e intrapsicológica dos alunos. É sob esse prisma, que quero pensar a atuação do psicólogo na escola, enquanto sujeito que se constitui nesse espaço, torna-se também, como e junto ao professor, um mediador de processos de ensino-aprendizagem. Embora não estejamos em sala de aula, lidando diretamente com a construção de conteúdos e conhecimento científicos (Vygotsky, 1993), estamos em relação com o corpo discente, docente e pedagógico, desempenhando e favorecendo a construção de processos de conscientização, através da internacionalização. Segundo Martins (2011) o psiquismo se coloca a serviço da formação da imagem subjetiva da realidade e guarda estreitas relações com a educação escolar.

METODOLOGIA

A metodologia foi de base qualitativa (Bogdan; Biklen, 1994; Minayo, 1996) por partir do pressuposto que a relação entre pesquisador e sujeito da pesquisa se constrói na relação e se distancia da ideia de mero objeto a ser pesquisado. Além disso, abro mão do lugar de ciência

neutra e me reconheço como construtora da realidade de pesquisa e produção de conhecimento. Trata-se de uma revisão narrativa de literatura e os dados foram analisados a partir da análise de conteúdo, sistematizados em três categorias: educação, escola, e tecnologia.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Teoria Histórico-Cultural veio romper com a visão individualista, presente nas ciências, especialmente na Psicologia, e evidenciar a natureza social do psiquismo. Vygostky (1996b) estudou e problematizou de que maneira os processos sociais poderiam ser determinantes para o desenvolvimento. Pautado nas ideias de Marx e Engels, entendia que as relações sociais eram constituintes do sujeito e, portanto, de maneira dialética, o sujeito pode transformar a natureza e a si. Foi assim que o precursor da THC fundamentou-se no materialismo histórico, a partir da história, e na dialético para pensar o um método para a Psicologia (Vygotsky, 1996b). Assim, a visão de ser humano que sustenta essa teoria passa a ser o sujeito em relação com o mundo, de maneira material, dialética e inacabada. Por vezes, é comum encontrar estudos e pesquisas referindo-se a Pedagogia Histórico-Crítica relacionada a teoria de Vygotsky aplicada a educação, por se tratarem de um projeto de humanização, assentados no materialismo histórico-dialético.

Trata-se de uma teoria complexa e com outros conceitos que não daremos conta neste trabalho. A ideia aqui é apontar, essencialmente, o que foi trazido pelos sujeitos participantes e refletir sobre as contribuições desta abordagem psi, para a prática no campo escolar.

Em tempos de educação com tecnologia, essa teoria ganha ainda mais relevância, uma vez que as tecnologias digitais estão profundamente integradas aos ambientes de aprendizado e transformam as interações sociais, a mediação de conhecimento e as formas de expressão.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A educação e a escola, são duas dimensões que operam de forma de forma articulada, mas não intercambiável. A escola é uma instituição social essencial para a formação de indivíduos e para a construção de uma sociedade mais justa, responsável pela sistematização do conhecimento científico e conceitual (Dias, 2023). Logo, ela deve proporcionar uma formação que vá além da mera transmissão de conteúdos, abrangendo as dimensões cognitiva, intelectual, moral e ética dos sujeitos. O desafio da escola é formar cidadãos capazes de atuar

criticamente em suas comunidades, com uma base sólida de conhecimento e princípios éticos que orientem suas ações.

Reconhecer que, embora a escola desempenhe um papel central na organização e sistematização do saber científico, ela não pode ser vista como o único espaço de educação. A educação é um processo mais amplo, que engloba as experiências de vida dos alunos, suas relações familiares, suas interações comunitárias e o contexto histórico e cultural em que estão inseridos. A educação é um processo contínuo de interação entre o indivíduo e seu ambiente, envolvendo tanto o aprendizado formal quanto o informal. Nesse sentido, a escola deve ser um espaço que dialoga com essas diversas esferas, integrando as experiências e histórias de vida dos alunos à prática pedagógica. A partir dessas reflexões, podemos compreender as atribuições da escola e da educação de modo a não reduzir uma à outra.

A educação é um processo muito mais abrangente, que acontece ao longo da vida e em diferentes contextos, como a família, o trabalho, as relações sociais e a cultura. A escola, por outro lado, tem uma função específica dentro desse processo: organizar, sistematizar e promover o conhecimento científico, fornecendo as ferramentas necessárias para que os sujeitos possam interpretar o mundo de forma crítica e atuar nele com autonomia e responsabilidade.

Portanto, ao pensar a escola como uma instituição de formação, é necessário que ela esteja aberta para incluir e valorizar as vivências dos alunos, reconhecendo que cada indivíduo traz consigo uma bagagem única, composta por sua história de vida, experiências pessoais e o contexto social e cultural em que está inserido. Essa integração entre o saber escolar e o conhecimento oriundo das vivências dos alunos é fundamental para uma educação significativa e transformadora.

O contexto escolar é permeado por muitas subjetividades e sobre isso Rey e Goulart (1999) explicam a dimensão da subjetividade, fazendo uma diferenciação em subjetividade individual e subjetividade social. Para eles, a subjetividade não é homogênea, é constituída por processos relacionados a inserção do sujeito no social e possui um caráter histórico. Logo, podemos dizer que o contexto histórico-cultural em que vivemos exige que a escola esteja atenta às transformações da sociedade, especialmente em tempos de globalização e avanço das tecnologias. A escola deve preparar os alunos para lidar com os desafios contemporâneos, formando cidadãos que possam interpretar criticamente as informações a que são expostos e utilizar os conhecimentos adquiridos para transformar suas realidades.

A instituição escola deve ser compreendida como um espaço privilegiado de sistematização do conhecimento, mas sem perder de vista a importância de um diálogo constante com o contexto de vida dos alunos e com a sociedade em que estão inseridos. É por meio desse diálogo que se

possibilita uma educação que realmente promova a emancipação dos indivíduos e a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Assim, é relevante que a educação seja vista em sua amplitude, e que a escola, como instituição, assuma seu papel de mediadora entre o conhecimento científico e a realidade sociocultural dos sujeitos, mesmo em tempos tecnológicos.

A inserção das tecnologias digitais na educação possibilita a inclusão de inovações nos métodos de ensino e enriquece o aprendizado. As tecnologias digitais, ao facilitarem o acesso à informação e oferecerem novos meios de interação, permitem que os processos educacionais se tornem mais dinâmicos e personalizados.

Um desafio ainda vigente é a falta de formação contínua e adequada dos educadores, que muitas vezes não dominam as ferramentas digitais de forma crítica e criativa (Gonçalves et al, 2024). Para que a educação aproveite ao máximo os benefícios dessas inovações, é necessário que os professores não apenas conheçam as tecnologias, mas saibam utilizá-las de maneira que favoreça o desenvolvimento cognitivo dos alunos, seguindo princípios como os da Teoria Histórico-Cultural de Vygotsky.

O profissional de psicologia acompanha todas essas interações e subjetividades e de posse dos acontecimentos planeja ações para contribuir com a humanização da escola mesmo em tempos tecnológicos (Silva, 2023). Faz parte da função dos psicólogos na perspectiva da PHC, o compromisso com a teoria-prática e isso nos exige também por em ação outro conceito do Vygotsky que é a criatividade. Quando se fala nisso, não quer dizer que devemos trabalhar apenas nas crianças, mas sim que, nós profissionais precisamos também criar estratégias mediadoras atraentes e articuladas com a realidade vivida na escola.

A experiência com o mundo ao nosso redor e as interações que experienciamos possibilita o exercício da atividade criadora que implica algo novo e precisa estar vinculada a realidade. A criatividade é, portanto, uma função psicológica superior (Vygotsky, 1996a), integrada a inteligência e geradora de autonomia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na perspectiva histórico-cultural, defendida por teóricos como Vygotsky, é essencial que a educação escolar considere o contexto social e cultural em que os alunos estão inseridos, valorizando suas experiências de vida e promovendo uma aprendizagem significativa. A tecnologia pode, nesse sentido, atuar como uma ferramenta que amplia as possibilidades de interação e mediação, mas o papel dos educadores em orientar e contextualizar esse uso continua sendo central. Assim, conclui-se que a escola, ao integrar o

uso consciente da tecnologia com uma pedagogia que valorize as dimensões sociais e culturais dos alunos, pode cumprir seu papel de formar cidadãos críticos, autônomos e capazes de transformar suas realidades. Para isso, é necessário um compromisso contínuo com a formação docente, a inclusão digital e o fortalecimento de uma educação que não apenas transmita conhecimento, mas promova a emancipação e o desenvolvimento integral dos sujeitos.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, L. M. T; FACCI, M. G. D. Contribuições da psicologia histórico-cultural para o ensino médio: conhecendo a adolescência. **Psicol. educ.**, São Paulo, n. 47, jul./dez. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.5935/2175-3520.20180017>.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa, 1977.

BOGDAN, R. C; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto editora, 1994.

DIAS, Érika. A educação ea escola. Para que servem as escolas?. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 31, n. 120, p. e0231201, 2023.

GONÇALVES, Lilia Aparecida Costa; VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa; DO AMARAL TAVARES, Kátia Cristina. Cultura digital e educação: novas possibilidades, novos desafios para a formação docente. **Revista (Con) Textos Linguísticos**, v. 18, n. 39, p. 418-433, 2024.

MARTINS, L. M. O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica. 250 f. **Tese** (Doutorado em livre docência) -Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Departamento de Psicologia, Bauru, São Paulo, 2011. Disponível em: https://formacaodocente.wordpress.com/wp-content/uploads/2012/09/martins_ligia_-_o_desenvolvimento_do_psiquismo_e_a_educacao_escolar.pdf. Acesso em: 18 out. 2024.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social – teoria, método e criatividade**. 6. ed. Petrópolis, 1996.

MOLON, S. I. Notas sobre constituição do sujeito, subjetividade e linguagem. **Psicologia em Estudo**, Maringá, São Paulo, v. 16, n. 4, p. 613-622, out./dez, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/CTvCMKmmrhks6GkZmdRM5tm/>. Acesso em: 18 out. 2024.

REY, F. G; GOULART, D. M. Teoria da Subjetividade e educação: entrevista com Fernando González Rey. Obutchénie: **R. de Didat. e Psic. Pedag. Uberlândia**, Minas Gerais, v.3, n.1, p.13-33, 2019. DOI: <https://doi.org/10.14393/OBv3n1.a2019-50573>.

SILVA, Laura Rafaella Ramos et al. “Escola é onde a vida acontece”: A Psicologia Escolar e o desenvolvimento profissional docente em tempos da pandemia de Covid-19. 2023.

SOUZA, R. M. de, & HASHINOKUTI, E. G. L. (2021). AS CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS. *ANAIS DO SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA*, 4(4), p 1– 6.



Recuperado

de

<https://anaisonline.uems.br/index.php/seminarioformacaodocente/article/view/7476>

VYGOTSKY, L. S. **Obras Escogidas II: problemas de psicología general**. Madrid: Visor Distribuciones, 1993.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996a.

VYGOTSKY, L. S. **Teoria e método em Psicologia**. São Paulo, Martins Fontes, 1996b.